



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES VISUAIS, TEATRO E JORNALISMO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

SAMARA DE ABREU FERREIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: algumas considerações**

**MACAPÁ-AP
2023**

SAMARA DE ABREU FERREIRA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
PORTUGUESA: algumas considerações**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português/Inglês do Departamento de Letras, Artes Visuais, Teatro e Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (DEPLA/UNIFAP), como requisito parcial à obtenção do título Licenciada em Letras Português-Inglês e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Dr^a. Celeste Maria da Rocha
Ribeiro

MACAPÁ-AP
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

F383 Ferreira, Samara de Abreu.

Varição linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa: algumas considerações / Samara de Abreu Ferreira. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 33 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Letras Portugues e Inglês, Macapá, 2023.

Orientadora: Celeste Maria da Rocha Ribeiro.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Sociolinguística Educacional. 2. Língua portuguesa. 3. Livro didático. I. Ribeiro, Celeste Maria da Rocha, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 306.44

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu pai onipotente, que plantou em meu coração o desejo de seguir os planos que Ele tem para minha vida.

Ao meu pai Clebson e a minha mãe Glaucilene, por todo o cuidado, desde que nasci, sempre fazendo de tudo para que eu estudasse e me tornasse uma pessoa fiel aos meus sonhos.

Ao amor da minha vida Thiago, por ser um companheiro fiel, paciente e atencioso, que me apoia e me instiga a alcançar meus objetivos todos os dias.

À minha irmã Grazielle pela parceria e pela graça diária.

À minha amiga Deuzanira, pela amizade sincera, pelas dicas valiosas e pelo companheirismo.

À minha orientadora, professora Celeste, que, desde o início da graduação, me motivou na jornada acadêmica.

À minha banca avaliadora, professora Suzana e professor Romário, pela disponibilidade e atenção.

Aos demais amigos, colegas e professores, que contribuíram de forma direta ou indireta, deixo meu muito obrigada!

RESUMO

Este artigo objetiva analisar dois livros didáticos de língua portuguesa, do 9º ano do Ensino Fundamental, do ciclo 2020 a 2023 do PNLD, a fim de traçar uma análise comparativa sobre como exploram a temática voltada à variação linguística (VL). Esta pesquisa segue os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística educacional (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005); além de discussões conceituais sobre norma linguística (FARACO, 2008), a variação linguística, preconceito linguístico, ensino de português e livro didático (BAGNO, 1999; BRASIL, 2018; CHAMMA, 2007; CASTILHO, 2012; SILVA, 2021; CARVALHO, 2012; OTA, 2009 e DANTE, 1996). Para a observação e análise dos dados foi adaptada uma ficha de avaliação do trabalho de Coelho (2007) que apresenta os critérios de análise. Os resultados mostram que os dois livros analisados não abordam a variação linguística de maneira semelhante, haja vista que um deles trabalha a temática de maneira mais adequada e consistente do que o outro. Entretanto, em ambos, a exploração da língua sob a perspectiva dos gêneros do discurso é deficiente.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Educacional; Língua portuguesa; Livro didático.

ABSTRACT

This article objectively analyzes two Portuguese language textbooks, from the 9th year of Elementary School, from the 2020 to 2023 cycle of the PNLD, in order to draw a comparative analysis on how they explore the topic focused on linguistic variation (VL). This research follows the theoretical-methodological assumptions of educational sociolinguistics (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005); in addition to conceptual discussions about linguistic norms (FARACO, 2008), linguistic variation, linguistic prejudice, teaching Portuguese and textbooks (BAGNO, 1999; BRASIL, 2018; CHAMMA, 2007; CASTILHO, 2012; SILVA, 2021; CARVALHO, 2012; OTA, 2009 and DANTE, 1996). For data observation and analysis, an evaluation form from the work of Coelho (2007) was adapted, which presents the analysis criteria. The results show that the two books studied do not address linguistic variation in a similar way, as one of them deals with the topic in a more adequate and consistent way than the other. However, in both, the exploration of language from the perspective of speech genres is deficient.

KEYWORDS: Educational Sociolinguistics; Portuguese language; Textbook.

1- INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, pesquisas acerca da variação linguística (VL) têm aumentado. Essa expansão representa o significativo papel da corrente sociolinguística e da abordagem sociointeracionista que estudam a língua a partir do uso real dentro da sociedade. Para elas, a língua é heterogênea e apresenta variação, pois é viva e condicionada a partir de fatores geográficos, sociais, etários, culturais e situacionais que interferem e condicionam a fala do indivíduo, visto que a comunicação acontece dentro de um meio heterogêneo que está em constante mudança (BAGNO, 1999).

Dessa maneira, a mudança existe e sua presença é incontestável nas línguas humanas, principalmente, a partir de uma visão histórica na qual se percebe que a evolução sempre existiu e, por isso, deve ser tida como um fenômeno universal da linguagem (CHAMMA, 2007, p. 9). Logo, a variação existe e deve ser concebida como diferença comum à toda língua falada, afinal, se a sociedade é diversificada, é normal que existam diferentes formas de comunicação. Em consonância a isso, Bagno (2007, p. 37) destaca que:

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas.

Com esses estudos atuais sobre a linguagem, as visões acerca das práticas docentes foram aprimoradas. Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2004) comenta que os discentes precisam conhecer as diferentes formas de falar/escrever na sociedade para que, em seguida, as respeitem. Entretanto, percebe-se que, na prática, a realidade é diferente, uma vez que, ainda, há uma realidade fortemente enraizada na mídia e nas instituições de ensino que pretendem ensinar o que é “certo” ou “errado”, por preferirem perpetuar a cultura dominante das gramáticas normativas (BAGNO 1999).

Vale ressaltar que, quando as pessoas fazem uso da gramática normativa para discriminar a fala do outro, surge o preconceito linguístico, que para Bagno (1999), está imbricado ao “círculo vicioso” que gira em torno dos métodos de ensino, gramática e livros didáticos tradicionais, criando, assim, as barreiras frente às discussões reflexivas em sala de aula sobre a língua. Tomando por base essa problemática, Bortoni-Ricardo (2004) discute acerca da necessidade de um aparato teórico metodológico que esteja

alinhado à realidade linguística do aluno. Sobre isso, destacamos o livro didático como importante apoio ao professor, uma vez que, desde muito tempo, se configura, em muitas realidades, como o único material utilizado em sala de aula (CHAMMA, 2007).

Dessa maneira, este trabalho parte do interesse em analisar como dois livros didáticos de língua portuguesa, do 9º ano, do Ensino Fundamental II, apresentam a temática voltada à variação linguística. Para isso, foram selecionados materiais que ainda são utilizados nas escolas públicas da cidade de Macapá, do ciclo 2020 a 2023, do PNLD, para que haja a comparação em relação ao tema deste estudo, realizada a partir de uma ficha de avaliação, adaptada do trabalho de Coelho (2007), que apresenta os critérios da análise.

Assim, esta pesquisa é norteadada por algumas perguntas: 1) há espaço para os alunos debaterem sobre a pluralidade de línguas existentes no Brasil? 2) existe a preocupação de esclarecer o que é o preconceito linguístico e desmistificar as ideias/crenças sobre a língua portuguesa? 3) evidencia-se adequadamente a variação nos fenômenos gramaticais? 4) o livro traz reflexão sobre a fala e a escrita em diferentes contextos e situações sociais? 5) o livro promove a reflexão sobre a língua a partir dos variados gêneros do discurso?

Esses questionamentos nos direcionam às seguintes hipóteses: 1) parte-se da ideia de que não há espaço para os estudantes refletirem sobre a variação linguística do português brasileiro; 2) infere-se que não há a devida preocupação de esclarecer o que é o preconceito linguístico; 3) supõe-se que não evidenciam adequadamente a variação nos fenômenos gramaticais; 4) acredita-se que não se propõe a reflexão sobre a fala e a escrita nos mais diversos contextos comunicativos; 5) considera-se que os gêneros discursivos apresentados no ensino da variação linguística são limitados, restringindo-se aos literários, como, as tirinhas e os quadrinhos.

Com o intuito de buscar respostas sólidas para esses questionamentos, propõe-se, como objetivo geral, analisar como a variação linguística se apresenta em dois livros didáticos de língua portuguesa, do 9º ano; e tem como objetivos específicos: 1) discutir se há espaço para os alunos debaterem sobre a variação linguística do português brasileiro; 2) analisar o conceito de preconceito linguístico no livro didático; 3) verificar a variação linguística nos fenômenos gramaticais apresentados nos livros didáticos; 4) refletir sobre a fala e a escrita em diferentes contextos e situações sociais e 5) apresentar os gêneros discursivos utilizados no livro didático para o ensino da variação linguística.

Partindo dessas questões, destaca-se a importância desta pesquisa na compreensão acerca dos livros didáticos e a referida temática, de modo que sinalize a funcionalidade desse recurso didático e evidencie os reais usos linguísticos, na tentativa de contribuir para a amenização do preconceito linguístico, o qual ainda se faz presente na sociedade, sobretudo, em relação ao ensino de português por um viés normativo, que propaga a ideia de “certo” e “errado”.

Além disso, este trabalho justifica-se também pelos resultados encontrados durante a realização da pesquisa de Iniciação científica, no ano de 2022, em uma escola pública de Macapá, em uma turma de 8º ano, com vinte e cinco alunos. Nesta turma, aplicamos uma Sequência Didática (SD) sobre o tema variação linguística, em que pudemos constatar que antes da aplicação da SD, apenas 8% dos alunos conheciam a temática e após o desenvolvimento das atividades propostas esse conhecimento avançou para 68%, refletindo o quanto a referida temática ainda se encontra ausente na sala de aula.

Este trabalho está em consonância com as ideias defendidas por Bortoni-Ricardo (2004; 2005); Bagno (1999); Base Nacional Comum Curricular- BNCC (2018), Chamma (2007), Coelho (2007), Castilho (2012), Faraco (2008), Silva (2021), Carvalho (2012), Ota (2009) e Dante (1996). O texto está organizado inicialmente por pressupostos teóricos que embasam as noções de língua e sociedade, ensino da variação linguística e a variação nos livros didáticos. Em seguida, descreve-se a metodologia e apresenta-se a análise dos dados.

2- LÍNGUA E SOCIEDADE

A língua é um sistema vivo por acompanhar a evolução da sociedade e refletir certos padrões de comportamento que variam em função do tempo e do espaço (BAGNO, 1999). Essa forma de conceber a língua está alinhada aos estudos da sociolinguística e da abordagem sociointeracionista que consideram a linguagem como um fenômeno social que se realiza através dos enunciados entre os falantes. Nessa perspectiva, “as escolhas que o falante faz dependem não somente de fatores internos à estrutura linguística, mas também de fatores relacionados às situações de uso” (COELHO, 2007, p. 9).

Sob esse viés, a linguagem é o meio em que a interação humana se realiza e, por isso, dela não podem ser desvinculados o contexto social e nem a realidade do falante

(FARACO, 2008). Dessa maneira, fatores como a faixa etária, o grau de escolaridade, a classe social, as diferenças culturais, as regiões e, principalmente, as situações comunicativas tendem a interferir na fala do indivíduo, ocasionando, assim, na variação linguística que, para Coelho (2007), conceitua-se como:

Denomina-se variação linguística o uso de um elemento no lugar do outro sem alteração semântica. Ou seja, os falantes recorrem a elementos linguísticos distintos para expressar as mesmas ideias [...]

Consideramos, portanto, a variação linguística, um fenômeno normal, requisito ou condição do próprio sistema linguístico, uma característica essencial das línguas (COELHO, 2007, p. 10).

Diante disso, a variação deve ser considerada diferença comum natural da linguagem e não “erro” linguístico (BAGNO, 1999). Entretanto, a abordagem tradicional que foi utilizada por muitos anos, não considera a variação como válida, uma vez que observa a língua como fechada e padronizada, desconsiderando o uso e o meio comunicativo em que o falante está inserido. Para ela, a gramática normativa é a detentora da língua “certa” e tudo que se afasta dela é considerado código defeituoso (BAGNO, 1999).

Sobre isso, vale dizer que, ensinar a língua sob a perspectiva da gramática tradicional é equivocado, visto que ela não aborda questões reais de uso e sua função é apenas de:

[...] prescrever como seria a língua ideal, cultivada pela elite intelectual, pelas escolas, pelos meios de comunicação, enfim, pelos comandos paragramaticais, logo, não aborda questões reais de uso e tampouco acompanha o processo de mutação da língua desprezando as variações da língua e todos os fatores externos concernentes a ela, tais com a região e a origem do falante, a classe social, a idade, o sexo, escolaridade e a profissão (CHAMMA, 2007, p. 10)

Todavia, Coelho (2007, p. 1) comenta que ainda existe nas escolas, o ensino de língua portuguesa voltado unicamente a essa abordagem tradicional. Nesse caso, o papel da instituição escolar pauta-se apenas em “enquadrar” os alunos nos moldes da norma-padrão, considerando tudo que é diferente dela como “errada”, além de ensinar nomenclaturas gramaticais sem a contextualização prática adequada.

Nesse contexto, vale ressaltar que, entende-se por norma-padrão, um ideal abstrato que não se refere à nenhuma variação linguística, isso porque para ser considerada língua, necessariamente, precisa de falantes em situações de uso reais, mas, nesse caso, trata-se unicamente de um ideal proposto pela gramática normativa com

objetivo de uniformizar a linguagem. (COELHO, 2007, p. 17). Logo, não faz sentido que as escolas adotem essa postura, pois estarão desconsiderando todas as raízes históricas, sociais e culturais do falante (BAGNO, 1999).

Como desdobramento dessa norma, Faraco (2008, p. 74) observa o termo “norma culta”. Para o autor, essa expressão “designa o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso de falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”, ou seja, diz respeito à fala nos contextos formais. Sobre ela, no percurso histórico, o adjetivo “culto” gerou um problema, pois repercutiu para que as demais variedades da língua fossem consideradas “incultas” ou “deturpações da linguagem”.

Faraco (2008, p. 73-74) deixa claro que quem não faz uso da variedade culta não é menos “inculto” que os outros. Pelo contrário, todas as variedades apresentam sua cultura e especificidades, o que ocorre é que cada variação atende a um contexto comunicativo específico. Desse modo, a “norma-culta” atende às situações monitoradas mais formais e, por isso, instruir um indivíduo sobre ela não é errado. O erro é acreditar que essa fala tem mais “cultura” que as outras, só porque atende ao uso formal.

Essa forma de desmerecer e discriminar às demais formas de expressão comunicativa, supervalorizando a forma “cultura” e formal da língua, é chamado preconceito linguístico, que para Bagno (1999), desenvolve-se a partir da confusão entre língua e gramática normativa:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua (BAGNO, 1999, p. 9)

Esta maneira de pensar a língua é sustentada pelo mito da unidade linguística e não faz sentido, já que como vimos, o Brasil, sendo um país multicultural, com comunidades diversas e falantes de diferentes lugares, constituem, automaticamente, variadas formas de falar, tornando a língua variável. Segundo Bagno (1999):

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

Desse modo, dentro da sala de aula, tratar a língua a partir do mito da unidade linguística perpetua o preconceito linguístico. Por isso, vale ressaltar a importância de haver uma visão cautelosa frente à diversidade linguística que precisa começar com os materiais didáticos que auxiliam o professor no processo de ensino e aprendizagem, a fim de tornar a sala de aula um laboratório vivo de troca de experiências em relação à linguagem (BAGNO, 1999).

2.1 O ENSINO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Trabalhar o ensino da variação linguística nas aulas de língua portuguesa é de extrema importância para que o aluno compreenda o processo heterogêneo da linguagem. Esse novo olhar docente frente à diversidade linguística pertence a área da sociolinguística educacional, que se pauta em várias formas de interação social e não somente nas regras e normas da gramática normativa (BORTONI-RICARDO, 2004;2005).

Bortoni-Ricardo (2004; 2005), precursora dessa corrente, destaca que em hipótese alguma, na sala de aula, podem ser ignoradas as diferenças sociolinguísticas dos alunos. Segundo ela, os discentes precisam compreender que existem duas ou mais maneiras de falar a mesma coisa e, mais que isso, saber que essas formas servem a propósitos comunicativos distintos que podem ser aplicadas em situações diversas, a depender do contexto situacional.

Desse modo, é necessário o discente entender que as diferenças no modo de falar são inerentes à linguagem, por isso é preciso haver respeito, pois não existe o falar “certo” ou o falar “errado”, já que tudo faz parte de uma língua rica e heterogênea reflexos de uma sociedade multicultural. No entanto, trabalhar dessa maneira, sob a perspectiva da sociolinguística, não anula o ensino da norma culta, visto que ela é necessária para as situações formais que são regidas pela gramática normativa, assim como descreve Bortoni-Ricardo (2004, p. 15):

Os alunos que chegam à escola falando nós ‘cheguemu’, ‘abrido’ e ele ‘drome’, por exemplo, tem que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguística-culturais, mas têm o direito alienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas já estreitas, da ascensão social.

Sobre isso, Bortoni-Ricardo (2004) menciona que, na sala de aula, é necessário que sejam executados dois momentos, que estão alinhados à abordagem da sociolinguística educacional: a identificação e a conscientização da diferença. Para ela, os docentes precisam identificar as variedades dos alunos e, em seguida, conscientizá-los sobre elas, a fim de explicar que existem também outras formas de falar essa mesma expressão. Ao fazer isso, o professor deixa claro que a língua é dinâmica e que não existe a “certa” ou “errada”, mas que é necessário que o aluno saiba monitorar sua fala a depender das situações de uso.

Dessa maneira, com esse conhecimento, o próprio aluno passará a monitorar sua fala de maneira respeitosa, sem prejuízo ao seu aprendizado, como explicado por Bortoni-Ricardo (2004, p. 42):

É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa a começar a monitorar seu próprio estilo, mas essa conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas. Às vezes, será preferível adiar uma intervenção para que uma ideia não se fragmente ou um raciocínio não se interrompa. Mas o importante ainda é observar o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno, o trato inadequado ou desrespeitoso das diferenças vai provocar a insegurança ou até mesmo o desinteresse ou a revolta do aluno.

Esse processo de monitoramento da língua é observado também por Coelho (2007) que ressalta a possibilidade de encontrar diferenças na fala do mesmo indivíduo de acordo com a sua função social, como o caso de um professor que utiliza a linguagem mais monitorada ao ministrar aula, enquanto, em casa, com a família, pode fazer uso da informalidade. Nesse sentido, a alternância de estilos depende de diversos fatores e não de uma decisão qualquer:

A aprendizagem da norma-padrão deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias das situações de fala (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 26)

Para que seja realizado esse ensino, pautado sob a perspectiva da sociolinguística educacional, é importante que o professor envolva o aluno nos mais diversos enunciados que circulam na sociedade, pois são neles que a linguagem se realiza (CASTILHO, 2012). Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL, 2018) ressalta que são

nos anos finais do Ensino Fundamental II que o adolescente tem essa maior relação com os gêneros discursivos, isso porque participa de variados contextos comunicativos.

De modo geral, a BNCC ratifica e apresenta habilidades que contemplam o reconhecimento das “variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” e “fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (BRASIL, 2018, p. 160- 161). Portanto, tal qual os pesquisadores afirmam, esse documento, que orienta o ensino no Brasil, também é adepto da corrente sociolinguística, promovendo em suas linhas o ensino crítico, reflexivo e ampliado sobre as variedades do português brasileiro. Atualmente, esse ensino encontra reflexo em muitos recursos didáticos, entre os quais destacamos os livros didáticos como principal suporte no trabalho realizado pelo docente em sala de aula.

2.2 A VARIAÇÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Segundo Chamma (2007, p. 38), o livro didático: “é um material de suma importância para as escolas públicas brasileiras, já que muitas vezes ele é o único instrumento de apoio e consulta dos professores e alunos”. Sobre isso, Dante (1996, p. 52) ratifica dizendo que “muitas escolas são limitadas em recursos como bibliotecas, materiais pedagógicos, equipamento de duplicação, vídeos, computadores”, assim, nesses casos, esse recurso surge como único apoio ao trabalho do professor.

Nesse sentido, durante décadas, o livro está presente na sala de aula, por isso é imprescindível verificar as abordagens que constam nesse material. Conforme Ota (2009), em meados de 1960, o livro didático de língua portuguesa era escrito a partir, unicamente, do ideal de língua padronizada, no qual desvalorizava qualquer variação diferente da imposta pela gramática normativa. Nesse contexto, o ensino era totalmente descontextualizado da realidade dos falantes.

Somente a partir das influências da sociolinguística, em 1960, e de Mikhail Bakhtin, em meados da década de 80, que novos pensamentos ao estudo da linguagem foram acrescentados, na qual a língua passou a ser vista de acordo com o meio social que o falante estava inserido, sendo realizada através dos enunciados. Com isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, reconheceram que o desenvolvimento da competência comunicativa deveria se tornar o foco da língua materna (OTA, 2009) e

como tal perpassando pela ótica da variabilidade e heterogeneidade da língua. Assim, a variação linguística passou a aparecer nos livros didáticos:

A partir dos estudos sociolinguísticos, o eixo do ensino-aprendizagem de língua portuguesa passou a ser o texto em sua função social, a partir das características próprias de cada gênero, articulado a interesses e necessidades de uma dada sociedade. Em função disso, o livro didático de língua portuguesa passa a centrar aí o seu foco, pelo menos teoricamente (OTA, 2009, p. 218)

Desse modo, o Programa Nacional de Livro Didático - PNLD – que: “tem o objetivo de regular a distribuição de livros didáticos pelas escolas Brasileiras [...], além da distribuição dos materiais e levar aos estudantes materiais que sejam adequados ao seu nível de ensino” (SILVA, 2021, p. 32) passam a exigir que esses livros tratem da variação linguística em suas seções.

No entanto, Carvalho (2012) comenta que o trato com a variação linguística, ainda, é escasso nos livros didáticos. Por esse motivo, é necessário que as escolas tenham a devida preocupação em selecionar os livros que farão parte do ensino dos alunos e que o professor molde seu olhar para qual livro escolher, de modo que observe a qualidade do conteúdo escrito, pensando na sua demanda e na necessidade dos seus alunos (SILVA, 2021).

3- METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como uma pesquisa bibliográfica, descritiva, de abordagem qualitativa; as fontes são bibliográficas, geradas a partir da análise de dois livros didáticos, de língua portuguesa, do 9º ano do Ensino Fundamental II, do ciclo 2020 a 2023 do PNLD, de autores diferentes, utilizados nas escolas públicas da cidade de Macapá, cujo foco de análise é o tratamento dado à variação linguística.

3.1 MOTIVAÇÃO E ETAPAS METODOLÓGICAS

Os procedimentos metodológicos adotados partem da leitura dos autores que embasam essa pesquisa; a identificação do 9º ano e do PNLD, 2020 a 2023; a seleção de dois livros específicos; posteriormente escolha e adaptação dos critérios que comporiam

a ficha de avaliação dos livros, a qual toma por base Coelho (2007) e, por fim, das análises dos livros didáticos, de acordo com o objetivo geral estabelecido.

Dessa forma, inicialmente, foram feitas leituras sobre a sociolinguística, a abordagem sociointeracionista, a relação de língua e sociedade para que fosse compreendido o viés contextualizado e dinâmico da linguagem em seu uso real. Em seguida, lemos sobre o ensino da variação linguística e sobre o papel do livro didático de língua portuguesa nesse âmbito.

Posteriormente, foram realizadas as seleções dos livros a serem analisados, onde escolhemos o 9º ano do Ensino Fundamental como segmento de observação. A motivação por esse ano, se deu a partir da leitura da Base Nacional Comum Curricular, na qual consta que nos anos finais do Ensino Fundamental, os alunos devem criticar mais sobre o mundo e sobre a linguagem, visto estarem em contato direto com diferentes interlocutores e enunciados na sociedade (BRASIL, 2018, p. 134).

A partir disso, selecionamos o 9º ano e optamos por trabalhar com dois livros do PNLD, do ciclo 2020 a 2023, de seleções e autores diferentes, sendo respectivamente, o “*se liga na Língua-leitura, produção de texto e linguagem*”, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, de 2018 e o “*tecendo Linguagens*”, de Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, de 2018. A escolha justifica-se pela necessidade de traçar uma análise comparativa entre autorias diferentes e verificar como os livros, que ainda estão sendo utilizados nas escolas públicas da cidade de Macapá, desenvolvem o trabalho voltado à variação linguística.

Assim, de modo que fossem traçadas essas análises comparativas, foi produzida uma ficha de avaliação adaptada do trabalho de Coelho (2007, p. 30), para que atendesse aos nossos objetivos específicos. Diante disso, foram estabelecidos os critérios evidenciados na ficha de avaliação seguinte:

Quadro 1: Ficha de avaliação

| | | |
|---|---|--|
| PLURALIDADE DE LÍNGUAS NO BRASIL | Menciona a pluralidade de línguas existentes no Brasil | |
| | Define o português como idioma oficial | |
| | Menciona o assunto de maneira vaga | |
| PRECONCEITO LINGUÍSTICO | Explica sobre o que é o preconceito linguístico | |
| | Apenas cita sem explorar | |
| ABORDAGEM DA VL | Evidencia-se adequadamente a variação nos fenômenos gramaticais | |
| | É inexistente a variação nos fenômenos gramaticais | |

| | | |
|------------------------------------|--|--|
| FALA E ESCRITA | Apresenta-se as particularidades da fala e a escrita a partir do uso nas mais diversas situações comunicativas | |
| | Separa-se rigidamente a fala e a escrita | |
| USO DOS GÊNEROS DO DISCURSO | Promove a reflexão da língua por meio de diversos gêneros do discurso | |
| | Limita a reflexão da língua utilizando poucos gêneros do discurso | |

Fonte: Coelho, 2007 (Adaptada)

Ressalta-se que a análise a ser realizada neste estudo toma por base os elementos descritos nessa ficha (Quadro 1) para fins de observação, comparação e análise do objeto e tema de pesquisa considerados.

3.2 DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DAS OBRAS

O livro: “*Se liga na Língua-leitura, produção de texto e linguagem*” foi escrito por Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi. É importante ressaltar que os autores são bacharéis, licenciados e Mestres em Letras pela faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ambos atuam na capital como professores de português em Escolas do Ensino Médio, sendo que Ormundo também trabalha como diretor pedagógico; já Siniscalchi atua como coordenadora e como coautora de livros didáticos e paradidáticos.

Sobre o material, ele foi publicado pela editora Moderna, 1º edição, em 2018. Voltado ao 9º do Ensino Fundamental, o volume corresponde ao ciclo 2020 a 2023, do PNLD, estando em seu último ano de uso pelas escolas públicas da cidade de Macapá. Ele possui 288 páginas, dividido em oito capítulos, os quais possuem um gênero central a ser trabalhado, respectivamente, poema, carta aberta, romance, biografia, charge, conto psicológico, romance de ficção científica e artigo de divulgação científica. Além deles, outros gêneros são explorados servindo de auxílio nas atividades, como, os blogs, mapas, ilustrações, tirinhas e anúncios.

Sobre a organização dos conteúdos, vale dizer que, as seções iniciais dos capítulos são fixas, intituladas como: “*leitura 1*”, “*leitura 2*”, “*Se eu quiser aprender mais*”, “*o gênero na prática*”, “*textos em conversa*”, “*mais da língua*” e “*isso eu ainda não vi*”. Em relação às seções finais, elas são autônomas, pois aparecem de maneira alternada entre um capítulo e outro. Essas seções intituam-se “*conversa com arte*”, “*expresse-se*”, “*leitura puxa leitura*”, “*biblioteca cultural em expansão*” e “*entre saberes*” que trazem aspectos extras que podem ser explorados como complemento no assunto.

O segundo livro: “*Tecendo linguagens- Língua Portuguesa*” foi escrito por Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo. Ambas são professoras do Ensino Fundamental na capital paulista, sendo que Oliveira é Formada em Letras, Pedagogia e Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), além de ser Mestre em Ciências da Comunicação; quanto à Melo Araújo, é Bacharel, licenciada em Língua Portuguesa também na USP e Especialista na área pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC).

Em relação ao livro, ele foi publicado pela Editora IBEP, 5ª edição, São Paulo, em 2018. Voltado ao 9º ano do Ensino Fundamental, do ciclo 2020 a 2023, do PNLD, o volume também está no seu último ano de uso e apresenta 288 páginas dispostas em oito capítulos e quatro unidades. Cada unidade apresenta gêneros diversos, desde o conto, romance, cartaz, notícia, tirinha, poema, telas de pinturas, canção, charge, debate-regrado, sinopse, resenha crítica, carta aberta, entrevistas, texto informativo, cartaz de campanha; reportagem, estatuto, texto normativo e guia.

Quanto à organização dos capítulos e dos conteúdos, as seções apresentadas são iguais em todos, mas mudam a ordem em que aparecem, a depender do capítulo. As seções intitulam-se: “*para começo de conversa*”, “*prática de leitura*”, “*trocando ideias*”, “*conversa entre textos*”, “*momento de ouvir*”, “*reflexão sobre o uso da língua*”, “*de olho na escrita*”, “*hora da pesquisa*”, “*produção de texto*”, “*na trilha da oralidade*”, “*ampliando horizontes*” e “*preparando para o próximo capítulo*”.

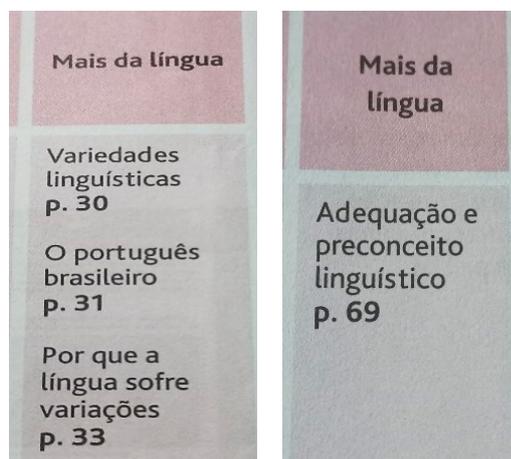
4- ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises dos dois livros didáticos selecionados. Para melhor organização, nomeamos *livro A* para o “*Se liga na língua, produção de texto e linguagem*” e *livro B* para o “*Tecendo linguagens, língua portuguesa*”. Primeiramente, será apresentada uma análise expositiva de como o tema aparece organizado nos livros, e, em seguida, descrevemos o tema com base nos elementos da ficha de avaliação (Quadro 1) que faz referência aos objetivos dessa pesquisa.

4.1 ORGANIZAÇÃO DO TEMA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS ANALISADOS

Os autores do *livro A* destacam duas seções destinadas à variação linguística, respectivamente, no capítulo 1 e capítulo 2, nas seções “*mais da língua*”, assim como mostram as figuras 1 e 2 seguintes:

Figuras 1 e 2: seções destinadas à variação linguística no *livro A*



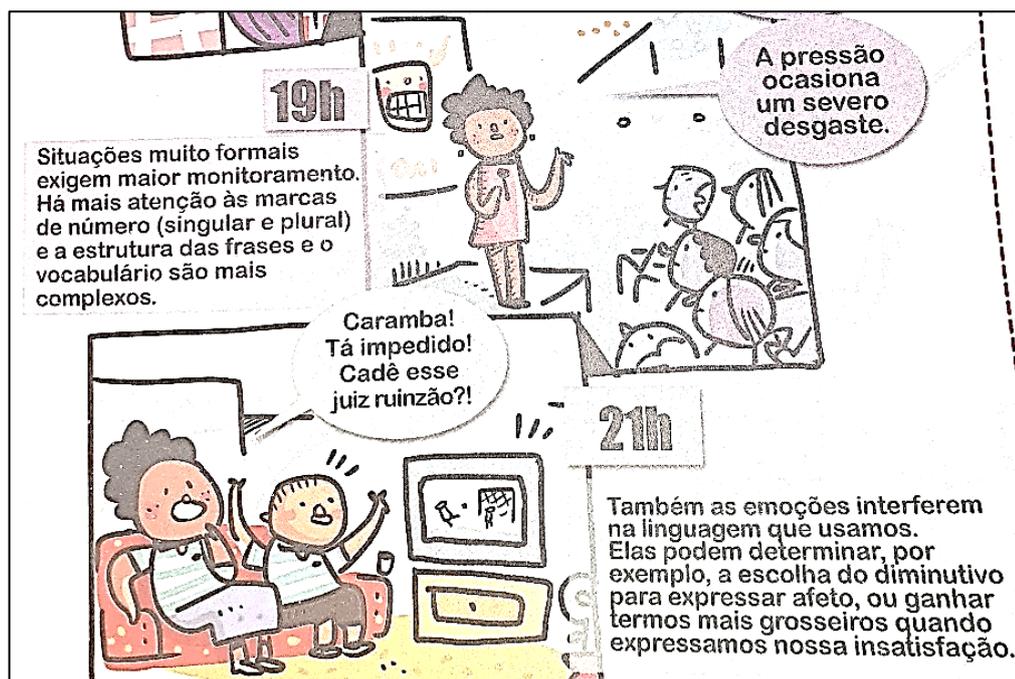
Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018)

Através das seções acima, é possível dizer que, são mencionados os aspectos relacionados à pluralidade de línguas no português do Brasil; os fatores que corroboram para a variação; além de mencionarem as adequações da fala e da escrita em contextos diversos e o que é o preconceito linguístico. Inicialmente, é explicado que a língua é o meio mais comum de interação entre os indivíduos nas relações diárias” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 30). Esse conceito vai ao encontro da abordagem sociointeracionista da linguagem, que é defendida por essa pesquisa, algo que é ratificado em algumas passagens do livro ao explorar a língua em uso, conforme observamos na figura 3 e 4, em que mostram a usualidade da língua formal e informal nas situações cotidianas:

Figura 3: Abordagem da língua em uso no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 71)

Figura 4: Abordagem da língua em uso no *livro A*

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 71)

Em relação ao *livro B*, não há nenhuma seção destinada à variação linguística explicitamente no sumário. Somente traçando uma análise, em cada capítulo, é possível observar alguns pontos que tratam a variação, na unidade 3, quando fala *das várias faces do preconceito na sociedade* e na unidade 4, na seção *estrangeirismos*, conforme mostra a figura 5 abaixo:

Figura 5: Abordagem sobre Estrangeirismos no *livro B*

O que você precisa saber sobre: estrangeirismos

- O que é estrangeirismo?

A língua recria-se e transforma-se continuamente, afinal de contas, ela é viva e sofre com as interferências feitas pelos falantes, que, por sua vez, sofrem a influência das interações sociais, econômicas, culturais e políticas. Palavras e expressões surgem o tempo todo para traduzir novas ideias ou reciclar as antigas, sendo assim, o estrangeirismo é um fenômeno que está associado à necessidade de renovação da língua. Palavras de outros idiomas são incorporadas por meio de um processo natural de assimilação de cultura ou ainda por conta da proximidade geográfica com regiões cujos idiomas oficiais sejam outros.

Fonte: Oliveira e Melo Araújo (2018, p. 239)

Como observada na figura acima, a explicação sobre o tema proposto é observada apenas nesse trecho que gira em torno da pergunta: “*o que é estrangeirismo?*”, deixando implícita e vaga a discussão sobre o assunto, o qual não é relacionado à questão da variação. Dessa forma, o *livro B* apresenta a variação de maneira muito escassa, não

explicitando a variação linguística, presente no Brasil, de forma coerente, ressaltando apenas uma vaga diferença entre o Português do Brasil e o de Portugal; solicitando em poucas atividades ao aluno observar a questão da adequação à linguagem e, em um momento somente, abordam, por meio de uma atividade oral, o preconceito linguístico, mas sem discutir ou aprofundar o tema. Assim, no geral, as atividades, focalizam o atendimento à norma-padrão.

4.2 DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS CARACTERIZADORES DO TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS ANALISADOS

Este tópico objetiva evidenciar como o tema em estudo foi descrito e desenvolvido nos dois livros observados, considerando cada elemento apontado na ficha de avaliação (Quadro 1).

4.2.1- Análise do *Livro A*

A partir do quadro 2 abaixo, mostraremos como o *livro A* abordou os tópicos voltados à variação linguística. Em seguida, serão mostrados trechos do material para embasar os resultados.

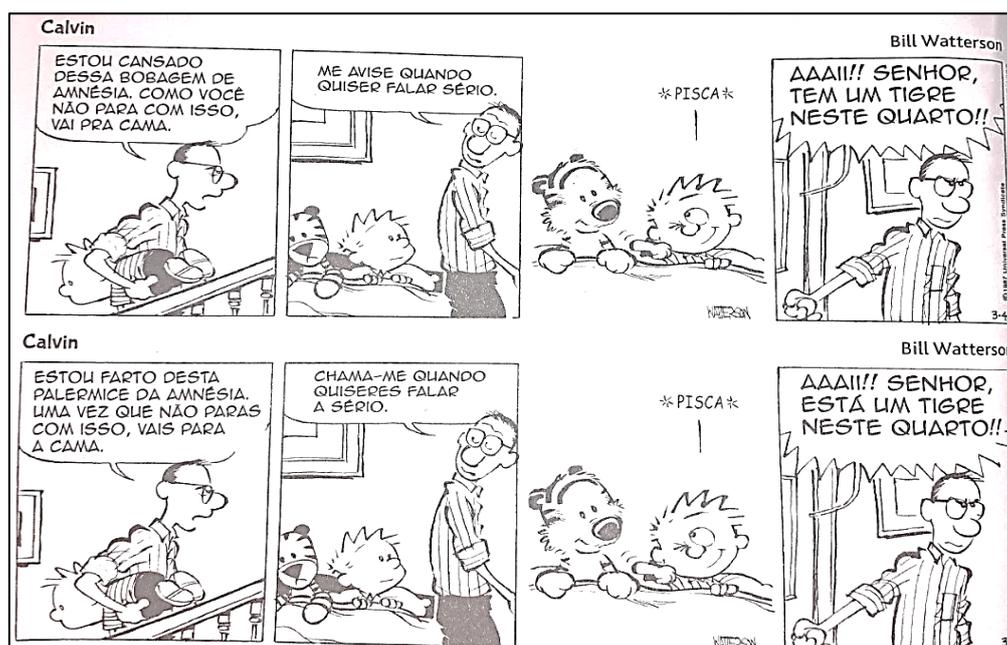
Quadro 2: Resultados da análise do *livro A*

| | | |
|---|---|------------|
| PLURALIDADE DE LÍNGUAS NO BRASIL | Menciona a pluralidade de línguas existentes no Brasil | SIM |
| | Define o português como idioma oficial | NÃO |
| | Menciona o assunto de maneira vaga | NÃO |
| PRECONCEITO LINGUÍSTICO | Explica sobre o que é o preconceito linguístico | SIM |
| | Apenas cita sem explorar | NÃO |
| | Não toca no assunto | NÃO |
| ABORDAGEM DA VL | Evidencia-se adequadamente a variação nos fenômenos gramaticais | NÃO |
| | É inexistente a variação nos fenômenos gramaticais | NÃO |
| FALA E ESCRITA | Apresentam-se as particularidades da fala e a escrita a partir do uso nas mais diversas situações comunicativas | SIM |
| | Separa-se rigidamente a fala e a escrita | NÃO |
| USO DOS GÊNEROS DO DISCURSO | Promove a reflexão da língua por meio de diversos gêneros do discurso | NÃO |
| | Limita a reflexão da língua utilizando poucos gêneros do discurso | SIM |

Fonte: Dados de pesquisa (2023)

Diante do exposto na ficha de avaliação, destacamos que o *livro A* apresenta uma abordagem significativa acerca da variação linguística. Seguindo a ordem dos tópicos, vale dizer que, no primeiro ponto da ficha, o livro apresenta e menciona adequadamente a pluralidade de línguas existentes no Brasil, ressaltando, de início, a diferença entre o português do Brasil e de Portugal, através da tirinha de Calvin, mostrada a seguir (Figura 6):

Figura 6: Tirinha que apresenta a variação do português do Brasil e de Portugal no *livro A*

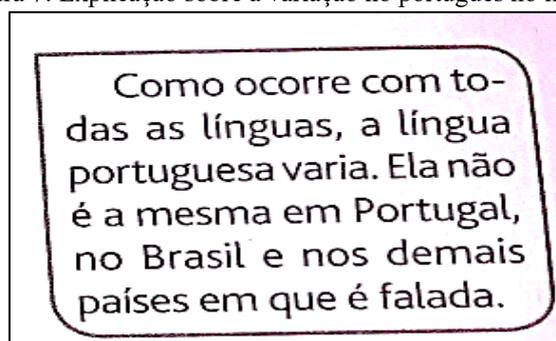


Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 30)

Após essa tirinha, são colocadas algumas perguntas de interpretação, reflexão e compreensão textual, como exemplo: “a) *na tradução portuguesa, que pessoa gramatical o pai de Calvin emprega para se referir ao filho?*”; “b) *esse uso é comum no Brasil?*”; “c) *compare a posição do pronome me em relação ao verbo no segundo quadro. Qual é o uso preferido pelos brasileiros em situações de interação oral? E pelos portugueses?*” e “d) *cite uma palavra da tradução portuguesa que não seja comum no português falado no Brasil?*”.

Observando essas questões, fica claro que os autores têm a estratégia de começar a seção já situando o aluno sobre a pluralidade dentro do português. Importante ressaltar que isso não é explorado de maneira limitada, uma vez que, em seguida, é colocada uma nota explicativa sobre a variação na língua:

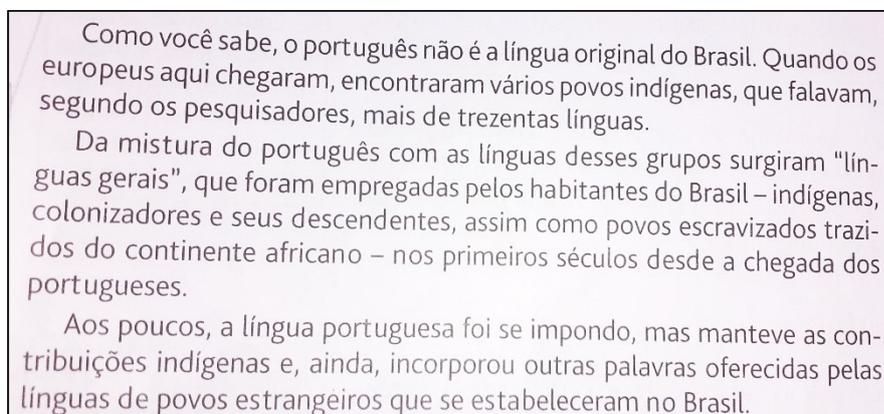
Figura 7: Explicação sobre a variação no português no livro A



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 31)

Posteriormente, para concluir o tema, são trazidos um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha e a imagem do mapa da comunidade dos países de língua portuguesa para deixar mais consistente a temática da pluralidade no português. Dessa maneira, nota-se que os autores fazem questão de deixar claro que o português, sendo falado por diversos países, é influenciado por culturas diferentes, por isso existe a diferença entre um ou outro. Essa preocupação é exemplificada no trecho da figura 8 abaixo:

Figura 8: Explicação sobre a pluralidade de línguas no Brasil no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 32)

Nesse percurso é mostrado que a variação no português do Brasil tende a ser influenciada pelos fatores geográfico, social e histórico, em que citam casos e evidenciam informações, como exemplo, ao ser dito que o fator geográfico “não distingue apenas os falares de países diferentes”, pois “percebemos diferenças na maneira como falam gaúchos, baianos, cariocas, paulistas, mineiros, paraenses” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 33).

Quanto ao fator social, o livro explica que “a língua varia conforme a idade do falante, o gênero, o nível de escolaridade, a profissão ou os interesses” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 33) e, a seguir, trabalha um meme que trata da variedade de um indivíduo mais jovem, ao utilizar marcações como: “véi” ou “flip”:

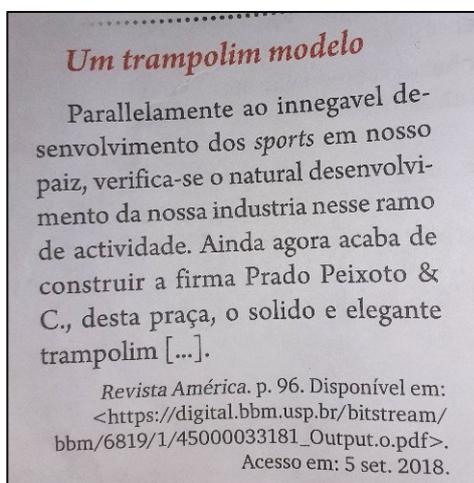
Figura 9: Meme que apresenta a variação social no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 34)

Para ilustrar o fator histórico, conceituam-no vagamente da seguinte maneira: “ao longo do tempo a língua se transforma, palavras e construções são abandonadas e outras são introduzidas no vocabulário ou modificadas” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 34). Acreditamos que para melhor exemplificar, o ideal seria que fizessem a comparação entre dois textos, a fim de mostrar a língua em diferentes etapas da história, assim como indicado por Coelho (2007). A Figura 10 seguinte aponta o texto trabalhado, um anúncio de 1918, com palavras escritas por regras ortográficas já em desuso no português brasileiro, como, “parallelamente”, “innegável”, “paiz” e “actividade”:

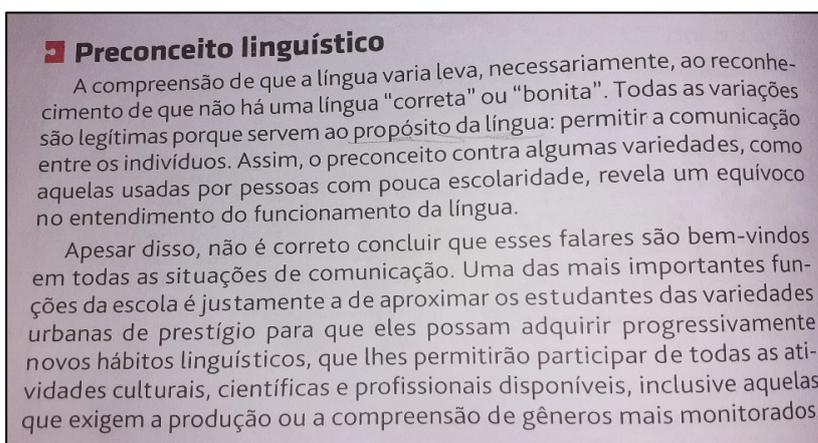
Figura 10: Anúncio que exemplifica a variação pelo fator histórico no *Livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 34)

Em seguida, fazendo referência ao segundo ponto de análise da ficha, o *livro A* explica adequadamente sobre o que é o preconceito linguístico, apresentando uma seção exclusiva para esse tema que está imbricada ao contexto de adequação e produção. Os autores explicam o que é esse preconceito, mostrando que não existe uma língua “certa”, já que todas servem aos propósitos de comunicação, assim como descreve Bagno (1999). A seguir, relatam que é um equívoco tratar com preconceito pessoas com pouca escolaridade, por exemplo, assim como destacado na figura 11:

Figura 11: Explicação sobre o que é o preconceito linguístico no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 72)

Interessante observar que, nesse trecho, apesar de alertarem para o preconceito linguístico, também é esclarecido que: “*não é correto concluir que esses falares (informais) são bem vindos em todas as situações de comunicação*”, ou seja, deixam um alerta para a necessidade de adequar a linguagem e de como é importante ter o domínio, através da escola, das variedades mais formais, para os contextos que demandam esse uso, assim como destaca Bortoni-Ricardo (2004).

Quanto ao terceiro aspecto da ficha, o *livro A*, inicialmente, dá a impressão de que apresenta boa adequação da variação nos fenômenos gramaticais, mas na verdade responde negativamente a isso. Por exemplo, na página 75 é apresentado o poema “*boi zebu e as formigas*”, do escritor cearense Patativa do Assaré, no qual há a presença das variedades regionais. Após a leitura do texto, algumas questões de interpretação foram colocadas na página 76, como na figura 12 abaixo:

Figura 12: Adequação da VL nos fenômenos gramaticais no *livro A*

f) Releia.
 “Mas tão devagá andava” (verso 28)
 Quem faz a ação citada? Qual seria a forma de fazer a concordância do verbo com esse sujeito segundo a norma-padrão?
 g) Quanto à concordância, o que se observa em “E firmou as quatro pata” (verso 9)?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 76)

É possível perceber que os autores dão uma falsa impressão que trabalham a VL nos fenômenos gramaticais, pois eles não “taxam” a escrita do gênero como “errada”. Entretanto, por se tratar de um poema, a atividade de apenas concordar o verbo com a norma-padrão é equivocada, tendo em vista que esse é um gênero que, geralmente, é mais informal, para aproximar o leitor. Assim, a questão, ao invés de levar aos alunos a transformar a escrita para a norma-padrão, “taxando” e tornando limitada a reflexão apenas no campo do “padrão/culto”, poderia ter sido trabalhada de outra maneira, ampliando debates sobre o uso/ esfera/ contexto do gênero.

A seguir, em relação ao quarto ponto da ficha, o *livro A* aborda a relação coerente entre a fala e a escrita considerando os contextos comunicativos. Esse item é explorado na seção: “adequação e preconceito linguístico”, em que são apontadas as particularidades da linguagem, como, inicialmente, através da tira do *Níquel Náusea*, criada pelo quadrinista Fernando Gonsales:

Figura 13: Atividade sobre a adequação da fala no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 69)

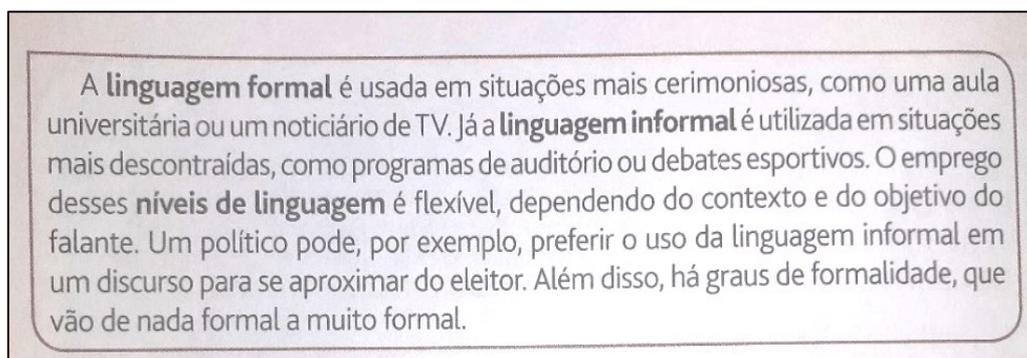
Através do gênero tirinha, os autores buscam mostrar que os usos feitos pelo personagem escorpião estavam inadequados para o contexto, uma vez que a situação

demandava um emprego mais informal. Assim, deixam claro sobre a necessidade de adequar a linguagem a depender do contexto em que a comunicação acontece, devendo ser observado o assunto, os interlocutores, o objetivo que quer alcançar, o espaço e o tipo de interlocução. Para confirmar essa ideia, é apresentada a seguinte explicação:

O humor da tirinha resulta de uma inadequação: a fala do escorpião, além de não ser conveniente para seu objetivo, revela um excesso de formalidade, que não se justifica na situação comunicativa apresentada na tira. (ORMUNDO E SINISCALCHI, 2018, p. 60)

Ainda no mesmo tópico são expostas as explicações sobre a linguagem formal e informal, como nas figuras 3 e 4, apresentadas no início desse capítulo, e na figura 14 abaixo:

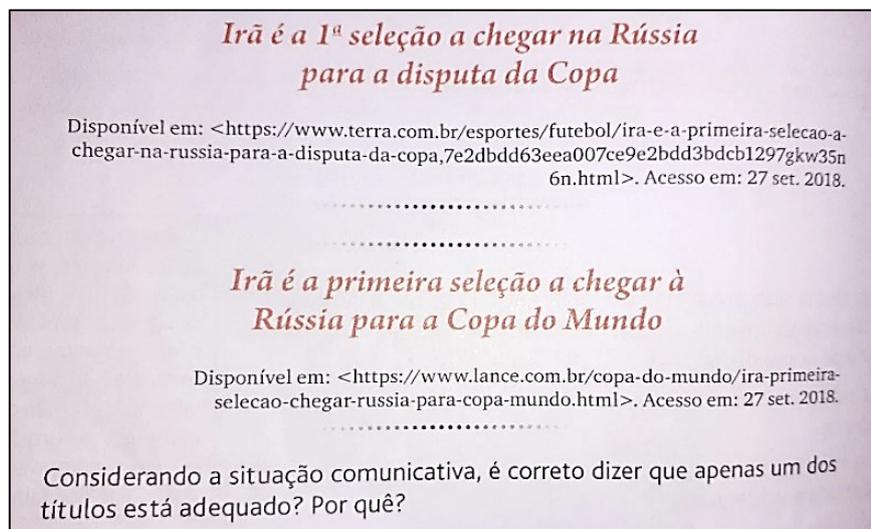
Figura 14: Explicação sobre a língua formal e informal no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 72)

Assim, os autores ratificam e exploram a adequação na fala, o que é preconizado pela sociolinguística educacional (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005). Além disso, há uma boa discussão sobre a relação fala e escrita, na qual não são separadas rigidamente, mas vistas como duas formas que passam pelo processo de adequação de serem formal ou informal a depender da situação. Como exemplo da exploração sobre essa relação, é proposta uma atividade de reflexão a partir do gênero Manchete seguinte (Figura 15):

Figura 15: Texto para explorar a adequação na escrita no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 78)

O gênero acima Manchete é de natureza formal, por isso, o professor deve explicar ao aluno que a primeira frase, que desvia da norma-padrão, está inadequada para o contexto comunicativo. Dessa maneira, a questão trazida pelo livro é importante para iniciar esse debate em sala, o qual o docente deve mostrar que assim como na fala, a escrita varia conforme, por exemplo, a esfera e o objetivo. Entretanto, seria interessante uma explicação própria do livro, após esse questionamento, para situar o professor, a fim de que ele não se confunda no auxílio ao estudante.

Por fim, no último aspecto da ficha de avaliação, verificamos que o livro responde negativamente à quantidade de gêneros do discurso que exploram a variação. Assim, percebemos que, apesar do livro ter tido uma abordagem significativa em relação ao tema desse estudo, foram apresentados poucos gêneros que discutiam e tratavam diretamente sobre a referida temática, sendo limitados a tirinhas (figura 6 e 13), um meme (figura 9), uma manchete (figura 15) e uma charge que trata exemplifica a variedade regional através de um “ET” da cidade de Virgínia:

Figura 16: Charge que apresenta a variação no *livro A*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 33)

Desse modo, observamos que os gêneros foram limitados com predominância nas esferas literárias o que corrobora para a limitada exploração do tema, visto que sem a utilização de diversificados gêneros do discurso, a linguagem, sob a perspectiva do uso entre os falantes, fica reduzida, já que ela se realiza, justamente entre os enunciados (CASTILHO, 2012). Além disso, as propostas de atividades não induziram o aluno a criar, por exemplo, podcasts, notícias ou reportagens, que dariam a oportunidade de refletir sobre a língua em seu processo rico e heterogêneo (BAGNO, 1999). Em contrapartida, a variação é trabalhada apenas em atividades de compreensão e interpretação textual, como nas figuras 12 e 15 mostradas anteriormente.

4.2.2 Análise do *livro B*

A partir do quadro 3 abaixo, mostraremos como o *livro B* abordou os tópicos voltados à variação linguística. Em seguida, serão mostrados trechos do material para embasar os resultados.

Quadro 3: Resultados da análise do *livro B*

| | | |
|---|---|-----|
| PLURALIDADE DE LÍNGUAS NO BRASIL | Menciona a pluralidade de línguas existentes no Brasil | NÃO |
| | Define o português como idioma oficial | NÃO |
| | Menciona o assunto de maneira vaga | SIM |
| PRECONCEITO LINGUÍSTICO | Explica sobre o que é o preconceito linguístico | NÃO |
| | Apenas cita sem explorar | SIM |
| | Não toca no assunto | NÃO |
| ABORDAGEM DA VL | Evidencia-se adequadamente a variação nos fenômenos gramaticais | NÃO |
| | É inexistente a variação nos fenômenos gramaticais | SIM |

| | | |
|------------------------------------|---|------------|
| FALA E ESCRITA | Apresenta-se as particularidades da fala e a escrita a partir do uso nas mais diversas situações comunicativas | NÃO |
| | Separa-se rigidamente a fala e a escrita | NÃO |
| USO DOS GÊNEROS DO DISCURSO | Promove a reflexão da língua por meio de diversos gêneros do discurso | NÃO |
| | Limita a reflexão da língua utilizando poucos gêneros do discurso | SIM |

Fonte: Dados de pesquisa (2023)

Conforme a descrição dos aspectos da ficha sobre o *livro B* já podemos antecipar que a variação linguística é apresentada de maneira muito incipiente e vaga. Em relação ao primeiro item da ficha destacamos que a pluralidade de línguas no Brasil é mencionada vagamente, uma vez que o livro aborda, em apenas dois momentos, superficialmente, após a leitura de uma crônica e a leitura de um anúncio.

No primeiro caso, após a leitura de uma crônica, na página 171, é indagado sobre as “gírias” que foram encontradas no texto: “*que outras gírias podem ser usadas com o mesmo significado?*”. No entanto, não se propõe maiores reflexões, além de não explicarem sobre o processo que desencadeia as variações que constituíam o texto apresentado. O segundo momento que tratam da pluralidade de línguas, mesmo que vagamente, foi na página 228, quando é mostrado um anúncio sobre o uso da próclise no Brasil e em Portugal, explicando que, no território brasileiro, os falantes não utilizam a regra com frequência, mas que em Portugal eles seguem restritamente.

Em seguida, através de algumas questões de compreensão textual, não aprofundam a temática voltada à pluralidade, como observado na figura 17 abaixo:

Figura 17: Questão sobre o Português do Brasil e de Portugal no *livro B*

No Brasil, em situações não formais de comunicação, o pronome vem sempre antes do verbo (próclise); em Portugal, usa-se aproximadamente em 50% dos casos o pronome depois do verbo, mas deve vir obrigatoriamente antes do

1. Conforme o que se afirma no primeiro parágrafo, que diferenças são notadas nas variantes atuais do português brasileiro e do português lusitano em relação à colocação pronominal? verbo (“também se manteve”) quando há na frase advérbios, conjunções etc.
2. O que podemos deduzir sobre a colocação dos pronomes na língua portuguesa com base nessa afirmação? É possível deduzir que, em relação à colocação pronominal, os portugueses se preocupam mais em seguir as regras propostas pela gramática da norma-padrão que os brasileiros, os quais optam pela liberdade de empregar com maior frequência o pronome antes do verbo (próclise)
3. Dê sua opinião sobre o que se coloca abaixo: em situações cotidianas, ou seja, não formais de comunicação.

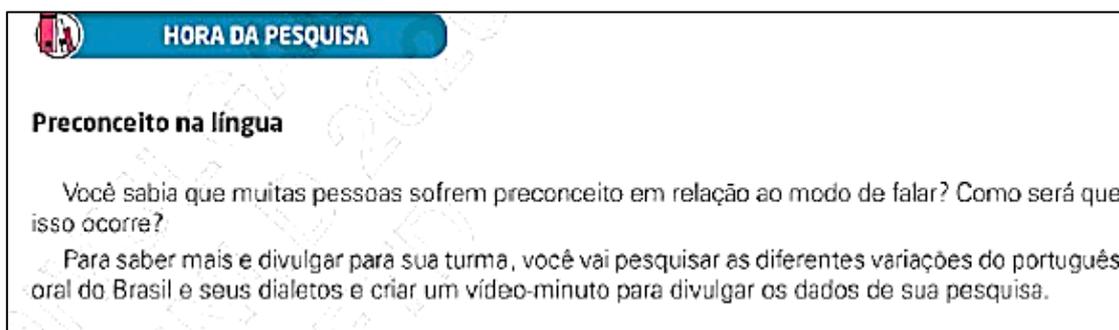
Resposta pessoal

Fonte: Oliveira e Melo Araújo (2018, p. 229)

Em relação ao segundo ponto da ficha, referente ao preconceito linguístico, o tema é citado em um rápido momento, na seção *hora da pesquisa*, na unidade 3, mas vem

abordado de maneira muito vaga, uma vez que os alunos apenas são destinados a realizarem uma pesquisa, mas não é explicado ou introduzido o assunto antes do comando:

Figura 18: Menção vaga ao preconceito linguístico no *livro B*



Fonte: Oliveira e Melo Araújo (2018, p. 178)

Além disso, o que chama atenção é que as orientações para a pesquisa estão direcionadas às diferentes variedades e não sobre o preconceito linguístico em si. A partir disso, nota-se que o livro não traz em suas seções, a explicação, propriamente dita, sobre a temática, sendo sempre rasas indicações.

Essa lacuna, também, se perpetua, no terceiro tópico de análise da ficha que se refere à integração da variação aos fenômenos gramaticais. Nesse caso, mostrou-se inexistente, pois esses foram abordados apenas em detrimento da norma padrão/culta da língua portuguesa.

Ademais, sobre o quarto aspecto da ficha, não são apresentadas as particularidades entre a fala e a escrita a partir do uso nas situações comunicativas, visto que apenas são colocadas algumas orientações rasas e superficiais, como exemplo, “*adeque sua fala para a norma-padrão*”, em atividades orais.

Todavia, não é explicado o porquê dessa adequação ser importante na linguagem, situando o leitor que a usualidade informal pode ser, também, utilizada, se for usada em situações menos monitoradas. Quanto à escrita, o livro faz uma única menção sobre a adequação nela, a partir de uma crônica, conforme ilustrado na figura 19:

Figura 19: Questão sobre registro escrito informal no *livro B*

O garçom, que até então eu não vira **mais gordo**, tratou-me com uma intimidade surpreendente e, em vez de elogiar os pratos pelos quais eu indagava, entrou a diminuir-los: “aqui a **gororoba** é uma coisa só; serve para encher o **bandulho**”.

[...] Um mensageiro é, antes de tudo, um triste. Tratado com familiaridade agressiva pelos epítetos de “amigo”, “**chapa**” e “**garotão**”, o que há de afetivo nestes nomes é apenas um disfarce, pois atrás deles o tom de voz é de comando.

O autor emprega a linguagem informal no texto. Ele faz esse uso para aproximar a linguagem do texto à das

a) Que registro linguístico é usado na crônica? Por que o autor faz esse uso? peças que trabalham como motorista de táxi, garçom, faxineiro etc.

b) Pode-se afirmar que as palavras destacadas são gírias ou expressões populares da época? Explique. Sim, porque fazem parte da linguagem mais popularizada ou coloquial.

Fonte: Oliveira e Melo Araújo (2018, p. 171)

Como observado, não vem uma nota explicativa que situe o aluno acerca da adequação da linguagem falada ou escrita aos diversos contextos comunicativos, o que deixa lacunas na aprendizagem do discente (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005).

Por fim, no último tópico de análise referente à reflexão da língua a partir de variados gêneros do discurso, assim como o primeiro livro, o *livro B* também aborda de maneira limitada e mostrou-se mais limitado do que o anterior, visto que usou apenas um anúncio e uma crônica para tratar do tema. A figura 20 abaixo ilustra o primeiro gênero:

Figura 20: Anúncio sobre a variação no *livro B*

“Também” exige próclise – em Portugal e no Brasil, em textos formais e informais

Todo brasileiro e todo português sabe que uma das principais diferenças entre as variantes atuais do português brasileiro e do português lusitano diz respeito à colocação pronominal: enquanto na Idade Média havia grande fluidez e portugueses ora usavam o pronome átono antes do verbo, ora depois, a situação acabou se definindo ao longo dos séculos, mas de modo diferente nos dois países: em Portugal usa-se aproximadamente em 50% dos casos o pronome depois do verbo, mas deve vir obrigatoriamente antes do verbo (“também se manteve”) quando há na frase advérbios, conjunções, etc. Já no Brasil, em situações naturais, o pronome vem sempre antes do verbo.

Assim, todo brasileiro diz “Me dá”, “Nos vimos”, “Me queixei”, enquanto os portugueses dizem “Dá-me”, “Vimo-nos”, “Queixei-me”. Desde o século passado, nossos melhores cronistas, poetas, músicos, etc. usam próclises (pronomes antes do verbo), à brasileira (e que, na metade dos casos, coincidem com a forma “certa” em Portugal).

Fonte: Oliveira e Melo Araújo (2018, p. 228)

Nesse viés, observamos que, no *livro B*, a variação é apresentada de maneira insuficiente, sendo realizada vagamente em raras situações, por meio de apenas dois gêneros discursivos: um anúncio e uma crônica. Dessa forma, este livro quando comparado ao livro A, apresenta grandes lacunas, sobretudo, porque trata do tema, em questão, de forma muito limitada e superficial. No entanto, quando olhamos a presença dos gêneros textuais para abordar o assunto, os livros analisados se assemelham, visto

que em ambos os gêneros usados são limitados e não permitem reflexões sobre a heterogeneidade da linguagem pelo aluno.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados mencionados, consideramos essa pesquisa muito relevante para o ensino de língua portuguesa, uma vez que destaca uma análise detalhada sobre o trabalho com a variação linguística no livro didático de língua portuguesa. Foi verificado que os livros analisados abordam a temática de forma distinta, em que o livro A parece conduzir o referido tema de forma mais adequada conforme preconizado pelos pressupostos da sociolinguística educacional.

Entretanto, mesmo assim, é possível observar que, em nenhum dos livros, a temática é trabalhada de forma plena, principalmente, quando observado, que em ambos os materiais, a língua é explorada a partir de poucos e limitados gêneros do discurso, o que vai de encontro a abordagem sociointeracionista da linguagem que concebe a língua realizada nos mais diversos enunciados entre os falantes; além da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) que sugere que no 9º ano do Ensino Fundamental, o aluno deve ser inserido em várias esferas sociais, por intermédio das práticas de linguagem.

Desse modo, os dados coletados ratificam a importância de sempre haver a seleção adequada dos livros didáticos, visto que eles ainda são um dos principais recursos que auxiliam o professor em sala de aula (CHAMMA, 2007). Portanto, convém dizer que, o trabalho com a variação linguística na educação básica merece ser amplamente debatido e estudado, a fim de que na construção dos materiais didáticos, os profissionais estejam situados às novas abordagens da linguagem, com objetivo de mostrar que a língua é viva, heterogênea e dinâmica e não um sistema estático e homogêneo.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo. Edições Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- CARVALHO, Damaris Bacon. **A Variação Linguística nos livros didáticos:** Ensino fundamental e a Educação de Jovens e Adultos em foco. 2012. Monografia (Graduação) Universidade Brasília, Brasília – DF, 2012.
- CASTILHO, A. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- CHAMMA, L. **A variação linguística nos livros didáticos de português (5ª a 8ª séries)**. 2007. 228 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português**. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- DANTE, Luiz Roberto. **Livro didático de Matemática: uso ou abuso?** In: Em aberto. Brasília, v. 26, n.69, p. 52-58, jan/mar. 1996
- FARACO, Carlo Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo, editorial, 2008.
- OTA, I. A. da S. **O livro didático de língua portuguesa no Brasil**. Educar. Curitiba, 2009, n. 35, p. 217-2020, Editora UFPR, 2009.
- SILVA, Erlimar Cristo da. **A abordagem da variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa no Ensino Fundamental II**. 2021.